



CHAFARIZ PRINCIPAL DE BORBA.

A villa de Borba, pertence ao districto administrativo e ao arcebispado de Evora, é uma das boas terras da provincia do Alemtejo, saudavel, e farta dos generos necessarios á vida, e alem disso mimosa de excellentes fructas, que se criam no valle apravel em que tem assento, regado de aguas puras, derivadas de muitas fontes em tanta abundancia, que abastecem a villa copiosamente e servem á cultura das muitas hortas e quintas que a rodeiam: estas e as numerosas vinhas e olivares dão aos seus suburbios por largo espaço uma vista agradavel, realçada pela força de vegetação e louçania do arvoredo.

É natural que a cintura de montes que fecham todo o valle seja a causa da sua frescura e fertilidade, distribuindo-lhe vertentes de aguas cristalinas. Da

banda do nascente fica o monte do Seixo e junto delte outro mais elevado, o outeiro da Mina, porque se presumiu haver alli mineral de prata; o Padre Carvalho na *Coroça* diz que o mesmo produzia — «muitas pedras verdes soltas, a que os gregos chamam cyaneas e nós turquezas, sendo algumas tão finas que se não differenciam das que vem da Persia». — Em primeiro lugar observaremos que a cor das turquezas é um certo azul não transparente; em segundo lugar que do achado destas pedras preciosas naquelles sitios não achamos menção nos escriptos do dr. Vandelli sobre os productos naturaes do nosso reino; e só vemos que o capitão José Monteiro de Carvalho no seu *Diccion.* escreve que — «na provincia do Alemtejo junto a Borba se acham bastantes turquezas muito finas e do tamanho de uma noz.» — Já si-

milhante grandeza em tal qualidade de pedras é para nós motivo de suspeita.

Da parte do poente fica o monte da Escudeira, da do sul os de Agua Nova e Cardiga, e mais ao longe a nomeada serra d'Ossa, cujo terreno é delgado, cuberto de estevas e fetos, e em todo o anno regado de copiosas fontes, produzindo optimos fructos nas porções que cultivaram os frades paulistas, que alli fundaram a cabeça da sua ordem religiosa.

O concelho recolhe cereaes em pouca quantidade; porém a sua principal producção, que exporta, consiste em azeite, montando annualmente termo medio a nove mil almudes, e em vinho de boa qualidade, cuja colheita uns annos por outros regula por sessenta a oitenta mil almudes.

Borba dista de Estremoz duas leguas, de Villa-Viçosa meia legua, e da cidade de Portalegre oito, proxima do sitio que chamam dos mosteiros por ser tradição que alli existiu um dos templarios. A sua população, que no meado do seculo passado era computada em 674 fogos e 2:734 almas, parece ter ganhado pouco incremento, porquanto os recenseamentos modernos dão á freguezia de Nossa Senhora do Soveral ou Sobral 508 fogos e á de S. Bartholomeu 321, ao todo 829 fogos. Estas duas parochias da villa foram priorados de Aviz, que lhe alcançou o mestre da ordem D. Martim Fernandes em remuneração de seus serviços, segundo se lê na *Monarchia Lusit.* liv. 15 da 4.ª parte. Deixando as epochas obscuras e incertas, consta que a tomou aos mouros elrei D. Alfonso II e a fez povoar de novo; el rei D. Diniz lhe deu foral e fundou o castello, onde depois se erigiu o hospital da Misericordia.

Junto á capella dos terceiros franciscanos está o convento de freiras da mesma ordem, da regra de Santa Clara, no qual ainda ha tres annos viviam nove religiosas; a igreja regular e bonita é da singular invocação de Nossa Senhora das Servas: foi fundação de pessoa particular. Menos de um quarto de legua distante da villa está o celebrado convento denominado do Bosque em razão de seus formosos arvoredos; tem por orago Nossa Senhora da Consolação, e pertenceu á extincta provincia da Piedade, de frades capuchos; a sua descripção, escripta com facil elegancia, pôde lêr-se na *Chronica* da mesma provincia pelo Padre Fr. Manuel de Monforte. Do outeiro da Boa-Vista, proximo ao convento, sitio de recreativo passeio, descobrem-se Evoramonte, o castello de Estremoz, Veitos, Fronteira, Cabeço de Vide, Portalegre, Monforte, Villa Boim Terrugem, Jerumenha e Villa Viçosa, e no reino d' Hespanha, Olivença, Villa Real e S. Jorge.

A estampa que precede este artigo mostra o chariz collocado no espaçoso largo da fonte em Borba, construcção magestosa e regular, cujas peças principais são inteiriças e de bello marmore branco, extractado das pedreiras do termo da villa, que abundam tanto neste como em marmore azul da melhor qualidade. No frontispicio vê-se a effigie da rainha D. Maria 1.ª e por baixo o letreiro latino, que o sr. J. C. Fragoso Serrano verteu assim em vulgar:

«No tempo do reinado da nossa fidelissima rainha a senhora D. Maria 1.ª com o nosso fidelissimo rei Pedro 3.ª, obtida a sua regia facultade, debaixo do auspicio e patrocinio do ill.º e ex.º sr. visconde da Lourinha, vigilantissimo governador desta provincia, os senadores deste concelho fizeram construir esta copiosa fonte e magnifica obra, na qual brilham e resplandecem a grandeza e beneficencia dos reis, o poder e amor do protector, a actividade

«e zelo dos decuriões, a utilidade e honra do povo, que por isso fez exarar em perpetuo monumento de «sua gratidão esta memoria, no anno do Senhor— «1781—»

M.

ESBOÇOS CRITICOS.

POETAS PORTUENSES

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

IV

(Continuação.)

As obras poeticas do sr. Novaes não são o fructo do talento que brota e se fecunda á sombra de bem elaborados estudos litterarios: pelo contrario, o poeta manifestou-se e cresceu em despeito da carencia quasi absoluta do auxilio de uma instrucção superior, que, para os engenhos privilegiados, é como as azas de ouro que os prepara e excita aos seus mais esplendidos vôos.

As occupações da vida do satyrico portuense são outras e mui alheias das letras. O sr. Novaes é um artifice distincto em ourivesaria. Mas os impulsos de uma imaginação ardente, acordados por certa finura de observação a que dá relêvo e toques a sagacidade malignamente galhofeira de um espirito crítico, mostraram que aquella alma fôra destinada a fallar a linguagem harmoniosa da poesia. Como Quita, como o nosso amavel contemporaneo Gomes de Amorim, como Reboul de Nimes e Jasmin, o sr. Novaes é um d'esses poetas que se revelam apezar de todas as contrariedades de uma profissão mais propria, pela sua natureza essencialmente positiva e manual, a refrear todos os impetus da fantasia, do que a prestar-lhes forças e rasgar-lhes horisontes aos seus naturaes desabafos.

Ainda que, entre o sr. Novaes e estes poetas nada ha de commum a não ser o talento e o contraste em que a manifestação d'esse talento se colloca com a indole de occupações adversas aos iniciados nos segredos da lyra. A sua inspiração revela-se sob um caracter distincto. De Jasmin, do jovial cantor do *Françonnetto*, aproxima-se unicamente no instincto popular que anima todas as suas composições, porque, pela predilecção dos assumptos e ejaculações da sua veia critica, tem mais de Marmot, de Gresset, de Parny e sobretudo do nosso Tolentino, tomando d'este até algum estudo da fórmula.

Estes talentos, que brotam do seio de certas condições da sociedade, e que no caracter ou necessidades d'essas mesmas condições encontram os elementos de uma cruel opposição ao seu natural desenvolvimento, podem distinguir-se em duas grandes familias. Uns, aquelles que morrem ignorados ou se desvanecem, vencidos na lueta intima com que as contradicções de classes levam de vencida e soffocam muitas das mais ferventes e auspiciosas aspirações. Germinam, mas não conseguem fructificar, ou se enfloram e fructificam, abate-os o sópro das desigualdades sociaes, e mirra lhes e dispersa lhes para longe as folhas, que tão viçosas e perfumadas ainda mal abotoavam no arbusto.

Outros, porém, rebentam e enfrondecem, porque a força da seiva propria, ou circumstancias climatericas mais beneficas, os deixam irromper por todas

as opposições da sorte, por todos os acintes da sociedade condicional.

É neste caso que se trava uma dessas luctas de incoherencia na vida do homem, entre as tendencias e necessidades da sua imaginação e as imposições positivas da condição a que se vê constrangido, lucta que umas vezes dá de si apenas os contrastes, os oppositos e reversos de um viver sempre em perpetuo conflicto entre o ideal e o mais prosaico da vida, conflicto que reproduz todas essas grotescas phases da historia da *alma* e da *bête* de Xavier de Maistre; mas que tambem outras vezes são destes limites puramente comicos e percorre toda a escalla afflictiva das supremas extenuações do espirito.

Jasmin, vendendo as suas formosas poesias e recitando-as aos viajantes que se comprasem em ser barbeados pelo homem que nas montanhas de Agen atrai os louvores criticos de Nodier, de Sainte Beuve e de Leonce de Laverne, é um gracioso exemplo dos primeiros; Richardson soffocando os vôos d'esse monumento de paixão e philosophia, da sua *Clarisse Harlowe*, incontestavelmente o primeiro romance moral que se conhece, no interior obscuro de uma typographia, é uma lastimavel demonstração dos segundos.

Felizmente o nosso poeta pertence á primeira familia. As occupações serias da sua vida não lhe abafam nem esfriam os arrebatamentos da imaginação; nem tão pouco os exercicios de uma intelligencia, que espreita o mundo pelos seus ridiculos, paralisam porque outras obrigações se apresentam por ventura revestidas de mais lucrativa retribuição.

O satyrico portuense concilia tudo. Larga a sua officina para ir aos oiteiros de Santa Clara, e desprende-se do galhofeiro *caraco* do *Guichard* para dar os ultimos toques de buril nos seus primores de ourivesaria, com a mesma facilidade e desassombro, sempre jovial e satisfeito, sempre critico e artistico.

Entre as urgencias do seu trabalho manual e as concepções do seu espirito, não se levanta o combate acerbo e affligidor, que muitas vezes tem abatido os maiores genios, ou, pelo menos, os obriga a desabafarem em exprobrações acrimoniosas contra a sociedade, e a detestar o genero humano, como se o genero humano fosse o auctor ou cúmplice das suas desventuras!

O sr. Novaes não é assim.

Nos seus versos nem desponta sequer um vislumbre de impaciencia, um assômo de irritação que demonstre nelle ideas menos generosas ou agastamento contra a sua posição social.

É talvez neste mesmo silencio haja um certo orgulho: mas a ser assim (que nem o acreditamos) é um orgulho justificavel, porque deriva da consciencia da sua valia.

O poeta, mesmo na sua officina, mesmo dan lo soltas ás apostrophes mais instinctivas do que litterarias da sua musa zombeteira e facil, é maior do que esses barões e conselheiros que elle verbera com as settas de uma ironia folgasã.

O poeta é lido e escutado, é victoriado e acolhido no theatro, no gabinete, no intimo das familias; em quanto que essa multiplice familia de *filipões* politicos, essa vasta galeria de *camapheus* sociaes, passa sobresaltada entre os remos e apò tos da critica publica, e, se prepondera, é a expensas do seu dinheiro, e, por via de regra, da sua propria dignidade.

Mas a inspiração poetica só não bastã. Bom é que as combinações rhythmicas, que os preceitos da me-

trificação saíam espontaneos da penna do poeta; bom é que a sua imaginação ache naturalmente muitas das revelações que só a perseverança do estudo franqueia e define ao entendimento illustrado.

Mas se a arte, se os conhecimentos proprios não ampliam e illuminam em toda a amplitude a esphera intellectual do homem inspirado, esses vôos espiram frouxos e abatidos de encontro aos horisontes mais estreitos e conhecidos dos dominios da fantasia.

Os estudos, os bons e variades estudos, não só expandem e robustecem as facultades do espirito, mas depuram-nas. É isto que se chama *acrysol* ou formar o gosto, essa suprema razão do genio, como lhe chama Chateaubriand, qualidade que é como o sexto sentido no artista, e o dom que deve predominar imperiosamente em todos os sentimentos, inspirações e tendencias do critico. Foi a illustração, e o accôrdo dos preceitos desta com os dotes da imaginação, isto é, o gosto, que constituiu Boileau o legislador do Parnazo do seu tempo, assim como Horacio seculos antes. Ambos estes homens dominaram as intelligencias da sua época pela excellencia da sua critica esclarecida, pelo discernimento vivo e delicado que os caracterisava.

Mas estes criticos eram criticos puramente litterarios, e o sr. Novaes pertence a essa cathegoria de observadores sociaes que se contentam de surprehender os defeitos da sociedade onde os encontram, formando das suas satyras mais uma galeria de quadros de costumes do que a exposição applicada de regras e theorias criticas. Assim é. Mas a distincção não desobriga o poeta portuense dos deveres que entendemos caberem-lhe. A esta segunda especie pertencem sem duvida Nicolau Tolentino e José Daniel; e todavia este quasi que viu expirar a sua incontestavel popularidade com elle; em quanto que o auctor das satyras do *Bilhar* e do *Passeio* ha de viver em quanto houver illustração e riso nos labios.

E a razão é clara.

José Daniel era um pamphletario querido e festejado das classes mais populares, porque as vindicava em seus escriptos de muitas das arrogancias dos ricos e parvos da época, mas que, em consequencia de nunca produzir obras de merito litterario, a sua memoria ficou subsistindo depois delle mais como uma tradição para o povo ou um estudo de muitos dos quadros do viver d'aquellas eras para o analysta, do que como uma prova da sua valia e importancia. Mas com o Tolentino não é assim. No amavel lente de rhetorica ha a perspicacia esclarecida, a finura de observação, o sal attico, ha, não o epigramma local, o sainete desta ou d'aquella época, mas a satyra de todos os tempos, por que a animo o atticismo que a eleva a essas verdades absolutas e verdadeiramente comprehensiveis para todos os entendimentos, o que pôte ser unicamente fructo do estudo dos grandes modelos no genero.

É esta falta que restringe até certo ponto a esphera poetica do sr. Novaes. O poeta do Douro é como esses tocadores a quem Deus bafejou com os instinctos musicas e do estro da improvisação, e que sentindo o teclado de um piano obedecer-lhe aos impulsos magneticos da sua inspiração delirante, esquecem que a arte tem segredos que só o estudo inquire e devassa, e que são esses segredos o fanal que esclarece as veredas que levam ás grandes concepções.

A sagacidade satyrica do sr. Novaes mira certo e é por vezes feliz, mas é preciso ver mais longe e além

dos limites da capital do Minho. As entidades que escolheu para thema constante de suas dissertações podem produzir um bom jogo de epigrammas, e mesmo um livro de satyras de valor, como aquelle que temos debaixo dos olhos, mais fica ahi; por que o *parvenu* ramificado nessa infinita familia de Agamemnon que hoje abraça a sociedade, é sempre o mesmo: estéril sob as minguadas formas do seu eterno ridiculo; em quanto que o talento do sr. Novaes vò mais alto, pela facilidade com que se produz, e ainda mais pelo sentimento das conveniencias com que acerta e toma posse de muitos dos mais reconditos preceitos da arte.

É por isto que o estudo dos principaes modelos da satira lhe não pôde ser indifferente, quando as elaborações da sua intelligencia tenham de manifestar-se sob o auspicio de todo o influxo litterario que pedem a energia e expansão que lhe são naturaes. Em Ariosto, Casti, Cervantes, Rabelais, Lesage, Beaumarchais, Molière, Voltaire, Parny e Byron, e entre nós em Diniz, Garção, Macedo, Tolentino e outros, acha o critico portuense todos os petrechos, todas as frechas e arietes dessa guerra implacavel ao ridiculo, de que os auctores dos *Animali Parlanti*, *Don Quichote* e *Tartufo* foram os mais gloriosos triumphadores. Nelles encontra, não só as regras e preceitos que muito poderão desenvolver o seu ideal e leval-o ás verdadeiras condições da boa litteratura no genero, mas até copia de exemplos, comparações, movimentos de estylo, escolha de perfis caricatos, rasgos satiricos, explosões de inimitavel facecia, abundancia de imagens apropriaveis, rigor de critica, e enfim todo esse arsenal de materiaes que muito pôde enriquecer e auxiliar o poeta naquella parte propriamente mechanica da poesia, que dá o mais risonho e maligno relevo a idéa e exorna e aparelha o estylo de todas as suas feições, reflexo de luz e contraste de toques. Visto destas alturas litterarias, um regedor, um conselheiro, um commendador, esta triplice aliança da insufficiencia e do grotesco da nossa idade, não se affiguram apenas a symbolisação de uma idéa politica ou um typo popular caracteristico da actualidade, como o sr. Novaes os concebe e retrata; tornam-se um thema mais vasto e exemplificativo na esphera do ridiculo; apresentam-se como um symbolo de idéas moraes que podem levar o poeta a mais substanciaes ponderações, com aproveitamento para os exemplos da critica e lição para o mundo dos factos.

Desenganemo-nos, um critico não pôde ser unicamente um retratista, ha de tambem ser um moralista. A conceber-se de outra maneira a satyra, ella não seria mais do que um jogo de espirito, sem os seus intuitos de moralidade, o unico e mais valioso titulo que a justifica, e que insta por ella como por um correctivo energico para os desvios da sociedade.

Mas não; a satyra não está toda, nos seus intuitos e fins, na copia daguerreotypica dos Pourceaugnaes, Gerontes, Georges Dandins, Crispins, Falstafs da epocha presente; vai mais longe, porque é preciso que se erga ás proporções do exemplo, e para isto carece da interpretação em todo o seu largo desenvolvimento moral.

A não ser assim Daumier, Gavarni, Travies e Cham teriam um lugar mais importante nos dominios da critica social, seriam uns analysts mais verdadeiros das deformidades risiveis do genero humano, do que Aristophanes, Plauto e Molière.

Mas é que aquelles fazem só rir, e estes obrigam a pensar. Os engraçados desenhadores humoristicos

fallam aos olhos e á imaginação, e estas realzas do theatro antigo e moderno dirigem-se ao pensamento, convidam a reflexão á analyse de grandes verdades. Retractam, como os maliciosos lythographadores francezes, e talvez com traços mais bufonicos e truanescos as physionomias de todos esses personagens caricatos que tomam por alvo de suas apostrophes, mas como meio e não como fim. O seu proposito não é fazer um esboço de uma ou outra caricatura social, mas surprehender um vicio, um defeito, uma excentricidade humana na sua personificação mais demonstrativa e palpavel, afim de corrigir e flagellar n'um individuo o que talvez seja uma tendencia criminosa, ou simplesmente inepta de uma sociedade inteira.

É assim que deve ser percebida e exercida a satira, para não expirar nos limites acanhados do epigramma, que move apenas o riso e morre sem echo, e deve ser exercida assim principalmente nestes tempos que vão correndo, em que o elemento burlesco, entumecido e agigantado pelas veleidades é total inversão das classes, promette de ir invadindo tudo até ás regiões mais serias da escala social, se não lhe poserem um dique.

Apontamos este campo aos instinctos criticos do Juvenal portuense, porque o seu talento e vòos podem subir tanto ou mais alto. Muitas das suas poesias já o provam. À parte o realismo com que retrata muitos dos vultos populares, o que o leva por vezes a bosquejos que repugnam ás condições artisticas, e até a plebeismos que nós desejamos ver banidos da linguagem do poeta, porque a verdadeira satyra não exclue as regras do bom gosto; á parte estes defeitos, que são menos vicios do espirito do que as consequencias necessarias da irregularidade de estudos que notámos, os versos do sr. Novaes tem bellos movimentos de critica jovial, e a penna corre-lhe facil, com especialidade nos assumptos descriptivos, como já fizemos ver. A introducção do seu livro, a que poz o titulo: *Não é prologo*, é uma graciosa pintura satyrica de muitos poetas e litteratos que tem a sua explicação na *Camaraderie de Scribe*. A sua guerra aos albuns, a essa *chinoiserie* litteraria das Philamintas da época, é chistosa e energeticamente proclamada na poesia dedicada ao seu amigo Antonio Bernardo Ferreira, e na outra escripta no album do sr. Carlos Nogueira Pinto Gandra. As decimas intituladas *Meus desejos*, devem ser consideradas como uma fina observação da sociedade, disposta, por vezes, em quadros em que a imaginação poetica accende os melhores traços satyricos. A physionomia social da actualidade, vista a travez da existencia portuense, inspira tambem ao poeta muitos dos seus melhores versos na *Epistola* que consagra a este assumpto.

(Continua.)

ANDEADE FERREIRA.

ESCADA DO ASSALTO DE GENEVRA EM 1602.

A republica de Genevra, que pelo tratado de Verbins fora comprehendida na liga suissa e que Henrique IV tomara expressamente sob sua protecção, acabava de receber mensagem do duque de Saboya promettendo-lhe viver em paz com ella, quando, tendo feito grandes preparativos, este principe intentou levar de surpresa a cidade em a noute de 12 de dezembro de 1602. Já uns duzentos soldados tinham escalado as muralhas e se dispersavam pelas ruas

bradando «viva a Hespanha! viva Saboya! A cidade é nossa!»: porém, investidos pelos burguezes que logo empunharam as armas foram expulsos ao cabo de porfiosa luta; ás cinco horas da manhã já dessa tropa não havia dentro das muralhas senão os mortos e prisioneiros, sendo o numero dos primeiros 50 e dos segundos 13, que se entregaram debaixo da promessa de serem considerados prisioneiros de guerra, mas que nem por isso deixaram de ser postos a tratos n'esse mesmo dia e sentenciados como infractores da paz á pena de forca, que padeceram n'essa tarde n'um patibulo de tres paus erecto para o effeito na couraça da Porta-Nova.

O mau successo do commettimento desalentou o duque de Saboya que não se atreveu a fazer ataque á viva forza. Henrique IV, ao saber o caso, escreveu uma carta de animação aos conselhos de Genebra e lhes enviou a toda a pressa tropas tiradas das guarções do Delphinado; finalmente ajudou-os a celebrar com o duque um armisticio, que pelo tratado de 24 de julho de 1603 se converteu em paz definitiva.



As escadas preparadas para o assalto haviam sido construidas com particular cuidado: eis a descripção que faz d'uma d'ella conservada no arsenal de Genebra o presidente Misson em a *Viagem da Italia*:

«Estas escadas eram extremamente solidas, com bons encontros, portateis e susceptiveis de se prolongarem á vontade. Compunham-se de tres, sobrepos-

tas umas ás outras mediante uma verga transversal de ferro: as rodas de cima seguras e moveidas como roldanas serviam para fazer arvorar ou abaixar facilmente a escada, e para fazerem ainda menos bulha as rodas eram forradas de feltro. As extremidades bipartidas de cada uma eram calçadas de ferro e da banda do vasado um pouco contornadas para encasarem melhor; o couce era tambem calçado do mesmo metal, tendo duas pontas que se cravavam no chão para a escada não resvalar; um varão de ferro formava o quarto degrau superior de cada uma e sustentava a que se lhe arvorava em cima, e os seus dois topos, que saíam um tanto fora de ambos os lados, entravam nos extremos de duas barras de ferro, que ficavam pendentes fóra do serviço, mas que postas de escora de encontro á muralha tornavam firme a escada: era tudo pintado de preto, para ser mais difficil ver-se.»

M.

CHRONICAS MONASTICAS.

I

PARA SERVIR DE PROLOGO.

Não se afira do titulo que vamos escrever meramente a historia fradesca.

Vamos lançar-nos a um trabalho improprio, porém digno da contemplação do homem estudioso, e da leitura do amigo de se instruir na historia patria. As chronicas dos mosteiros e conventos são hoje a fonte mais abundante a que o archeologo pode recorrer para o estudo das epochas, e das sociedades. Ahi se encontram, envolvidas em casos estranhos, as origens de muitos factos que nos apparecem apontados na vida civil, e que o historiador muita vez não sabe a que attribuir-lhe a causa; n'ellas se vão descobrir as mollar reaes de muitas intrigas manejadas nos paços reaes, e na governança da republica; eilas nos apresentam o facho com que o critico pode caminhar seguro por entre as trevas e a duvida de tão remotos tempos; e pintando as epochas e as sociedades com o colorido proprio de então (porque essas chronicas, escriptas pelos monges, dia a dia, no remanso do mosteiro, acompanhavam os factos á proporção que se iam succedendo) fazem-nos hoje palpar, por assim dizer, aquelles factos que nos descrevem, animando para nós, que já vamos tão arredados d'elles, os vultos dos seus personagens, e desenhando-nos os vicios e as virtudes com esse rigor inflexivel, que somente os seculos sabem usar quando passam por cima d'elles aquella mão segura e firme com que encerraram o passado.

Foi um grande pensamento este que levou os antigos monges a escreverem a sua historia. Algumas viram a luz da imprensa; porém muitos e de grande merito são os manuscriptos ineditos onde essas historias estão lançadas. Minuciosos na descripção do mais infimo caso, aborrecem ás vezes pela superfluidade, e por aquelle estylo, que então era proprio, e hoje enojaria de certo. Alguns ha que para faserem sobresahir as maravilhas e a santidade da sua religião, empregam figuras e alegorias tão guindadas, que o vulgo acreditaria por milagres o que não passa d'um ornato de locução. Em algures nos lembra ter lido, e se bem nos recordamos é relativamente ao convento de Nossa Senhora da Graça, que a sua maravilhosa fabrica fóra executada pelo ministerio dos

anjos. O que se podia n'este caso receber por um altissimo milagre, como baixarem á terra aquelles espiritos celestes para assentarem um convento no cume d'este formosissimo monte de Lisboa, nao é mais do que a significação de ter sido o templo feito por esmollas; e como as pessoas piedosas e caritativas que assim concorrem para o augmento da religião e seu esplendor, se mostram tao interiormente abrasadas no amor divino, que a edificação d'um templo, ao culto de Deus entregam parte dos seus haveres, deixam valiosas heranças, ou concorrem até mesmo com o que podem cercar ao necessario, parecem ellas em competencias com os anjos n'este desejo do louvor da gloria do Senhor, e por isso o chronicista não duvidou empregar a figura, para adornar com ella o livro. Estamos aqui dispostos a fazer-lhe justiça de que não foi para avivar na crença o fanatismo d'aquelles tempos, tao arraigado no coração do povo menos culto.

Para afastar estes pequenos inconvenientes, para os discriminar, faz-se preciso hoje um estudo, e um zelo superabundante a quem pretender encetar este trabalho. Podando com esmero a rama que n'estas arvores se torna desnecessaria, encontralas hemos depois bem elegantes e productivas. Não queremos dizer com isto que sejamos nós para esse trabalho os mais competentes; mas podemos protestar aqui, e desde já, que entramos n'elle com gosto e dedicação.

Dissemos que estes inconvenientes nas chronicas monasticas eram pequenos. Assim é, comparando-os com a grande somma de conhecimentos que a sua leitura nos proporciona. Citando ellas a cada passo o monarcha que entao reinava, as authoridades que entao geriam os negocios publicos, os personagens mais celebres que se distinguiam por feitos dignos de memoria, e os quaes logo em seguida narram; descrevendo-nos os seus pleitos e julgamentos, ora com particulares ora com outras corporações; contando-nos os rendimentos das suas casas, e as despesas em que os absorviam; fazendo a longa enumeração dos seus teres com aquella minuciosidade que de intento empregavam para evitar futuras contendas; fallando, muitas vezes por ostentação, das suas festas e das suas procissões, que até nós põe na rua obrigando-nos a seguir com ellas o transitto que precorrem; citando-nos tudo isto, que mina inexgotavel não offerecem á historia, á jurisprudencia, ao conhecimento da topographia antiga, ao estudo dos tributos e impostos publicos, ao mesmo commercio, a estatistica, finalmente a todos esses ramos tao diversos, tao variados, e tao distinctos em que a sciencia moderna tem subdividido os conhecimentos humanos?

Essa mesma luxuosa minuciosidade é de um auxilio muito poderosa para a historia das artes. Os magestosos monumentos de pedra que a expensas suas, ou com o auxilio de particulares, ou com o favor de braço real ergueram tao bastos ahí por todo o reino, estão fallando ás gerações futuras uma linguagem tao portugueza, que realmente é pena não ser comprehendida por todos, e estudada como na infancia se estuda logo nas escolas o cathecismo da doutrina. As nossas glorias no rijo batalhar que tivemos com os sarracenos ahí estão cantadas nos arabescos e nos gothicos; as nossas guerras de independencia ahí estão gravadas por esplendidos buris que profundamente astracaram sobre magestosos e duradouros marmores; as nossas grandezas da Asia ahí estão attestadas nos seus aereos arrendidos; a historia das nossas conquistas e das nossas viagens ahí está escripta nessas famosas construcções; a opulencia

de uma côrte faustuosa ahí se ostenta tao faustuosa como a mesma côrte; finalmente os gemidos das nossas dores nacionaes, as aspirações das nossas esperanças, os hymnos entusiastas das nossas alegrias, todos esses affectos ahí tem o seu canto, lugubre ou fremente qual o sentimento que os inspirava!...

Doloroso é que semelhantes vozes não somente deixem de ser comprehendidas por todos, porem, o que ainda é mais doloroso, que a uma e uma se vão extinguindo, como se extinguiram as vozes dos homens que insuflaram aquelles verbos de pedra; e que dentro em poucos annos o homem estudioso que já as não pode ouvir, não encontre ao menos um echo, que apesar de sumido, lhe indique ainda o local em que ellas se soltaram tao altisonas, tao vigorosas, tao cheias de nacionalidade!

Um dos nossos mais profundos archeologos, e sabio contemporaneo, o sr. Alexandre Herculano, por vezes tem soltado a este respeito os energicos brados de uma alma que inteira se alimenta e vive nestes monumentos do passado em que inspira a sua musa, e instrue o seu genio superior no estudo das eras que lá vão. Rasgou profundamente as carnes a esse aviltante vandalismo que com o alvião e o camartelo sobre aquellas gloriosas pedras, ia desmoronando a uma e uma as glorias da nossa nacionalidade, mais barbaramente que os estrangeiros na conquista, tao cégameamente como os ferozes invasores do norte na capital do mundo das artes! Era uma voz de santa religião patria, inspirada como a dos profetas, poetica, e saudosa como a dos cantores arabes despedindo-se da sua formosa Granada. Parecia dever penetrar os corações dos que ordenavam tao sacrilega devastação, remover-lhe até a ultima fibra, e excitar-lhe qualquer instincto patrio que por ventura ainda existisse naquellas almas. Mas qual! O vulcão do indifferentismo havia devorado com as suas chamas até á mais infima particula d'aquelle instincto e esterilizado com a sua lava aquella campo para não mais produzir; e embora o excavassem para lho desenterrar d'alli, não foi capaz de surgir como outra Pompeia. O instincto estava morto de todo, e o inspirado cantor da Harpa do Crente, teve de soltar das mãos a divina lyra, velar o rosto, e esquivar-se assim ao repugnante espectáculo de tao sacrilego antipatriotismo! Nós diremos aqui que, se não construem, por Deus não destruam! Bem sabemos que será uma voz solta na Thebaida. Embora; mas lavrâmos o nosso protesto. Sabem, por exemplo, o que significa esse magnifico templo de S. Francisco apenas principiado, e já tao devastado? Uma pagina da beneficencia dos nossos irmãos do Brazil. Acabem, acabem de arrasarlo formosa architectura e tao primoroso lavor de pedras, porque perdido o Brazil justo era vender uma das suas memorias, e escusado, para a conservar, afeiçoal a ao serviço de uma repartição publica, quando o seculo não é para reparar ou edificar, mas sim para desmoronar!...

Deixemos este triste assumpto, e continuemos em a nossa introdução.

(Continua)

F. A. D'ALMEIDA E ARAUJO.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

IX.

(Continuação.)

Apenas constou na praça que Ondotó era o assassino logo tudo se explicou. Era elle a onça que as sen-

tinellas das muralhas tinham visto caminhar ao longo das mesmas, e que sentiram saltar do baluarte para a terra; e todos admiraram não só a presença d'espírito, como a agilidade do papel. Quanto a Pimping, uma ladainha de maldições dos soldados, e outra não menos comprida dos negociantes foi a única encomendação que pôde obter. Elle era tão geralmente odiado!

No dia seguinte começou effectivamente a devassa. Valerio depoz, do que sabia aquillo que lhe podia fazer conta; os soldados que estavam de sentinella na noite do homicidio tambem depozeram o pouco que sabiam; e alguns do povo, que tinham presenciado na seguinte manhã o acontecido foram tambem obrigados a depor sobre isso mesmo; reconhecido assim que o facto era obra de um papel, e até certo ponto em defeza propria, quiz-se pôr pedra em cinta do negocio; mas o governador de Gambia exigiu informações, e a devassa teve de continuar por alguns dias. Ora Pimping não tinha parentes, ou se os tinha, como não foram herdeiros porque não havia herança, dizia-se que ficou bem morto e enterrado. Kadé e Valerio e as escravas, esses herdaram alguma coisa, posto que contra vontade do defunto, que morreu *ab intestato*, ou porque não tinha que deixar, pois o seu espolio não chegou para pagar aos credores, ou o que parece mais provavel, attento o costume da terra, porque o testamento foi sumido e queimado.

Os papeis vieram, ao fim de sette dias, com grande troça e gritos até ao ponto em que se tinha commettido o assassino com duas halobeiras, ou sacerdotisas, para conjurarem e fazerem fugir d'alli o mau espirito de Pimping assim de que não podesse *pedir a torna* em nenhum dos da sua tribu; para isso acenderam uma grande fogueira debaixo da arvore, e queimaram nella quantas cousas velhas acharam, que mais mau cheiro podessem causar, e quando já não erguia labareda, mataram uma vaca e dois porcos, cujo sangue deitaram em parte sobre o brazido, e a outra parte serviu-lhes para lavarem, esfregarem e raparem o tronco da arvore em que o inglez padeceru a morte. Esta vaca e porcos foram-lhe dados por torna da vida que perdera.

Concluido este sacrificio, toda aquella multidão soltou tres grandes rivos, depois do que levantaram campo, indo na frente as halobeiras, no centro as rezes mortas, e atraz a immensa cauda de povareo, que todo ia tomar parte no festim, que em guiza de exequias por Pimping, devia terminar esta expiação e apagar para sempre a *nodoa de sangue*. Depois disto ficaram os papeis convenci los de que nem Ondotó, nem ninguem de sua familia, ou da nação teria nada que soffrer por esta morte.

No entretanto que isto se fazia em Bissáu, proseguia Ondotó a sua fuga, e dava começo a suas viagens. Da ilha de Bassis, onde se demorou alguns dias, para descansar e ver se colhia algumas noticias, passou para o paiz dos Bilantas, atravessando o Emperno no ponto em que divide esta ilha da de Bissáu, e do reino de Gólo, que pertence aos Bilantas; mas como não lhe coninha demorar se alli muito tempo, vista a sua proximidade de Antula, fez correr que ia a Ganjarra pelos interesses de alguns negociantes de Bissáu, o que lhe convinha fazer constar para não despertar suspeitas, que podiam ser prejudiciaes á sua honra, ou perigosas á sua segurança.

Seguiu portanto até ás corôas de Goiajé que são umas dunas de arêa que tomam o rio quasi de banda a banda, e cortadas apenas por um estreito canal por onde mal podem passar duas canoas emparelha-

das; e aqui foi elle testemunha de um phenomeno que muito maravilhou, chamado o *macaréo*, que se renova em todas as grandes marés da Lua cheia ou da Lua nova, e que é muito perigoso para as embarcações que fazem esta navegação, quando as companhias não tem bastante pratica para se salvarem, mal ouvem o mugido com que se annuncia algumas horas antes.

Ainda que provavelmente não se ignore o que seja o *macaréo*, não será fora de proposito fazer delle uma mui succinta descripção. Quando está a maré vazia, ouve-se um grande mugido, que fazem as aguas que se vão accumulando até que chegam a uma certa altura, e então despedem tres grandes mares successivos e sem nenhum intervallo, que põem o rio no estado em que ficaria depois de tres horas de maré enchente, e prosegue enchendo naturalmente por outras tres horas até ficar preamar; e no fim dellas começa a vasante que dura seis horas, e findas estas ha tres horas de baixa-mar, durante as quaes vai crescendo o mugido que procede do impeto do mar d'encontro ás dunas, e do obstaculo que nellas encontra, assim como na agoa, que corre de fóra das dunas para o canal, impellida pelo mar. Este ponto querem alguns que se chame tambem a catadupa de Sonacó, o que ainda não pude verificar porque esta gente é mui pouco entendida, e faltam os meios necessarios parao fazer independentemente das informações dos naturaes.

Ondotó não quiz deixar de examinar um espectáculo tão admiravel e tão novo para elle; mas como ia n'uma canoa cuja guarnição estava muito costumada com este phenomeno, pôde vel-o bem á vontade sem correr o menor perigo, e quando a maré começou a encher regularmente, atravessou o canal com toda a segurança, e entrou no paiz dos beafares desembarcando na aldêa de Achum.

Ao fim de 24 horas seguiu em direcção de Ganjarra, depois de tér comprado algumas sangras de sal, que deviam servir-lhe de dinheiro no ponto commercial, onde asseverava que pretendia dirigir-se; mas apenas atravessou o rio e poz pé em terra dos beafares em vez de dirigir-se ao presidio portuguez, tomou mais sobre a esqúerda internando-se pelo paiz para lesnordeste, para entrar em Ganjarra.

É desnecessario dizer que esta viagem era tão rapida como o podia permittir o trem de um homem que caminha a pé, mas ao mesmo tempo quanto o exigia a necessidade de pôr-se quanto antes fóra do alcance de qualquer perseguição da parte das auctoridades portuguezas de Bissáu.

Se elle soubesse o que se passara em Bissáu não seria tamanho o seu susto, e por ventura tambem não teriam os habitantes da praça tido a soffrer os desastres, os opprobrios e mesmo o terror a oppressão dos papeis de que tem sido victimas. A devassa a que se deu maior extensão, e que seguiu depois da reclamação com uma diligencia, que somente se pôde explicar pelo subserviencia á Inglaterra, que em quasi todas as epochas tem distinguido as auctoridades portuguezas, pequenas e grandes; a devassa deu em resultado o que era facil de prever: conheceu-se e provou-se tudo o que Pimping tinha commettido de excessos contra Ondotó; e como este não era vassallo portuguez pôde sem crime desaffrontar-se á moda da sua nação dos gravames do seu oppressor; e como se entendem que o homicidio não tinha sido perpetrado em territorio portuguez (já se vê que a theoria do governador geral em 1840 é muito mais antiga); que Valerio não tinha cumplicidade nenhuma nelle, •

que pelo contrario obstou quanto pôde aos procedimentos criminosos do defunto, declarou-se Ondotó não culpado, e Valerio foi posto em liberdade.

Esta sentença contentou a todos, ainda que por motivos diversos. Agradou aos papeis que viam Ondotó livre de quaesquer padecimentos. Agradou aos grumetes que receavam ver Valerio preso e remettido para as ilhas de Cabo Verde. Agradou a este, que tinha seus motivos para temer que as cousas se esclarecessem, ou se complicassem muito; o que teria forçosamente de acontecer se houvesse um processo regular. Agradou ao governador de Gambia, a quem houve de dar-se conta, por causa da reclamação que fez, e por via d'elle agradou tambem aos inglezes da colonia, que se viram livres de um turbulento predicante, de que tinham mais de um justo motivo para temer-se; quanto ao da metropole cuidou eu que nunca soube, nem lhe importou saber do methodista. E agradou finalmente aos portuguezes de Bissáu que estavam em fim livres de um malvado, e de concorrente tão perigoso e temivel como Pimping, sem terem a temer-se da presença de algumas forças navaes inglezas a exigir não só o que elle tinha, mas até o que não tinha, o que então não era ainda moda fazer-se. O governador andou por muitos dias nas palminhas das mãos por esta decisão tão judiciosa que tomou; e não cessaram todos d'encarecer a sua prudencia e rectidão, que eram então as palavras com que se embaiam os loucos. Hoje são outras, mas tão verdadeiras como aquellas, e tão sinceramente proferidas.

Em quanto isto se passava na capital da Senegambia Portugueza, caminhava Ondotó aonde levava as suas miras. Já que saiu de Bissáu queria tirar todo o proveito possivel do seu infortunio. Era já um homem pratico, tão differente de si mesmo, como pôde sel-o um ministro d'um opposicionista, que ainda não sonhou com o poder; e como pôde sel-o um que quer ser ministro. Os homens parecem-se todos nas paixões que os movem e agitam em diversos sentidos, como se parecem em certas feições communs a todos, e ao mesmo tempo charecteristicas de cada um.

Seria summamente longo, e ao mesmo tempo distrahiria muito a attenção,prehender aqui a descripção da viagem de Ondotó; porque seria necessario dar conta das nações de pretos que viu, que estudou, se posso tal expressão empregar para exprimir a natural curiosidade que lhe excitaria o espectáculo de tantos costumes diversos, e alguns realmente bem dignos do exame attento de um europeu estudioso. Não faltará occasião para isso; agora limito-me ao que é mais essencial para concluir este episodio por mais curioso que o considere.

Direi apenas que perto de Ganjarra encontrou-se Ondotó com um Mandinga da classe dos *Gilaus* (negociantes), que lhe trouxe *mantenhas* de Valerio, e lhe deu conta do que se tinha passado em sua casa e na praça depois que tinha tomado o caminho do exilio: dizia-lhe o emissario que Valerio não achava prudente que por ora regressasse outra vez para Bissáu, pois podia haver algum ardil escondido por debaixo da sentença do governador, para o apanhar com facilidade e entregal-o aos inglezes que o reclamavam, ou mesmo para estes virem buscar-o com um navio de guerra. O mandinga, fallando-lhe sempre em nome de Valerio, porque era elle quem o mandava, aconselhou Ondotó a que proseguisse mais para diante; e offereceu-se mesmo para acompanhal-o a Bissa-Amadi onde tinha a sua casa, e onde podia esperar um outro emissario que Valerio lhe havia de mandar: expoz-lhe com algum encarecimento,

mas com verdade, as vantagens que podia tirar de se entregar ao commercio de meia-mão com Valerio, que era o agente de alguns grossos negociantes de Bissáu; e tão bem se houve, que o nosso pretinho deixou-se convencer de todo, elle que já estava um pouco resolvido; e sem oppôr nenhuma difficuldade prestou-se a acompanhar o mandinga, que recolhia já de uma de suas viagens commerciaes, conduzindo os seus lucros para casa, como a afanosa abelha carrega para o cortiço o pollen que apanhou nas flores, e que as companheiras esperam para fazerem a cera e o mel. E como o nosso homem, caminho andando, ia terminando algumas pequenas operações commerciaes para arredondar uma certa continha, Ondotó offereceu-se para o ajudar com o fim de se ir industriando n'este mister, o que o mandinga accitou com gosto, e concedeu de muito boa vontade. Era cousa de mutuo interesse, e bem depressa ficou resolvida esta especie de camaradagem.

Ondotó deu taes provas de intelligencia que Boukari, que assim se chamava o mandinga, tomou-lhe amizade, prometeu-lhe uma parte nos lucros, tudo o que elle podesse arranjar acima dos valores das mercadorias que lhe taxava ao entregal-as; e como se isto não fosse ainda bastante para a sua affeição, estendeu mais as suas digressões tendo comtudo cuidado, só por interesse a Ondotó, de se alongar de Geba. O mandinga não duvidava demorar-se mais do que tinha tencionado, tanto porque os interesses compensavam bem esta demora, como porque só mais tarde algumas semanas é que esperava achar em Bissa-Amadi o emissario que Valerio tinha promettido de mandar-lhe: e pelo que respeita ao papel, como elle não tinha um ponto fixo para onde se dirigir, porque o seu fim, quando apprehendeu esta viagem tinha sido por-se fóra do alcance das auctoridades portuguezas, e actualmente era, ao que lhe parecia, conservar-se fora da perseguição que essas auctoridades lhe faziam para prendel-o, tanto se lhe dava andar por uma parte como por outra, comtanto que não fosse obrigado a approximar-se dos territorios sujeitos ao dominio de Portugal; e essa condição cumpria-a escrupulosamente Boukari.

Os mandingas seguem pela maior parte a religião de Mafoma; ou para dizer melhor um mixto nojento das praticas idolatras com outras do alcorão: assim Boukari trazia escrupulosamente a sua enfiada de contas do tamanho de bogalhos, pendente ao pescoço, e entre a pelle e as roupas os seus amuletos em saquinhos de droga; fazia as suas abluições regularmente, com a agua, terra ou arèa, conforme o que tinha mais á mão, comia e resava regularmente ás horas em que o devia fazer; e por tudo isto julgava-se um bom mussulmano.

(Continúa)

Sousa Monteiro.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.